

Notas para a história do Centro Dom Vital

II

(Especial para
"A Ordem")

ALCEU AMOROSO LIMA

A morte de Jackson de Figueiredo me aproximou de duas figuras ou antes de quatro, além da de Wagner Antunes Dutra, que iriam representar um papel decisivo nos acontecimentos político-sociais daquele momento e no papel que nêles iria desempenhar o Centro Dom Vital: o Cardeal Dom Sebastião Leme e Pedro de Oliveira Ribeiro, já hoje desaparecidos; Heráclito Sobral Pinto e Hamilton Nogueira, graças a Deus bem vivos e cheios de vida a nosso lado.

Conheci pessoalmente Dom Leme, como todos o chamávamos — embora bem ao par de que o correto era dizer Dom Sebastião — na segunda-feira que se seguiu ao trágico domingo de novembro 4. Morava êle então no Leme. Acompanhara de perto o meu diálogo epistolar com o Jackson e, como se sabe, tivera um papel decisivo na conversão dêste, com a sua Pastoral de 1916 e com aquela frase com que respondera às suas dúvidas sobre o sacramento da penitência: "Não se confesse por ora". Compreendera admiravelmente o temperamento contraditório e extremado de Jackson, tão diverro do seu e recebera, com uma alegria interior profunda, as notícias que êste lhe dera sobre o desenlace final da nossa correspondência. Quando subi os degraus de sua residência e ajoelhei-me a seus pés, — pela primeira vez, na vida, diante de um homem, — era realmente a um pai muito querido que eu beijava as mãos. A morte do nosso comum amigo, cuja vida tempestuosa era apagada em plena mocidade (37 anos)

como uma "coluna de fogo", pelo oceano, era o laço que nos unia, para a vida e para a morte. Chegávamos um ao outro através de lágrimas e abismos. Nada de vulgar. Nada de terra a terra. Nada de convencional. Tudo num plano de tragédia, de catástrofe, de destino. E por isso mesmo na maior simplicidade, nessa adorável naturalidade das coisas sobrenaturais, que Dom Leme comunicava aos seus menores gestos e o acompanhou até a sua própria morte. Sabia tornar-se íntimo de todos, de quem o via pela primeira vez como de quem o freqüentava diariamente. Mas como essa intimidade não era a familiaridade vulgar das almas sem profundidade, — e sim o sinal do verdadeiro homem de Deus, que nunca teme entregar-se a todo o mundo, dando tudo-a-todos como São Paulo, porque Deus habita sempre em seus corações e os renova continuamente — Dom Leme se abria com todos e no entanto se conservava sempre íntegro para cada um. Saí desse primeiro contacto, com um homem que iria desempenhar um papel tão importante em minha vida, com o sentimento de ter cessado aquela solidão, aquele abandono, que vinha sentindo desde agosto e a morte súbita de Jackson parecia dever tornar definitiva. Ao contrário. O encontro com Dom Leme foi como que um encontro comigo mesmo. Se Jackson era o oposto do meu próprio temperamento, senti no Cardeal, não o Pastor, ou o Príncipe da Igreja, nada disso. Senti o pai, o irmão, o amigo, o homem que punha Deus ao meu alcance e abria realmente, para o recém-vindo, as portas da Casa paterna, de par em par, não mais como a morada fria da Verdade, mas como o aconchêgo materno do carinho, da compreensão, do calor de uma lareira depois de uma caminhada na neve (como um dia, na "hostellerie de Guillaume le Conquérant" no norte da França, eu o sentira literalmente na ponta dos nervos!)

Essa primeira entrevista, — provocada por um jovem morto cujo corpo àquela hora passava ao longe, levado pelas correntes oceânicas — foi como o encontro de dois velhos amigos, que se conheciam de há muito mas há muito não se

encontravam. E só a morte, de novo, alguns anos mais tarde, ia separar o que a morte unira. Não se falou no Centro Dom Vital. Eu ainda não recebera a imposição de um pôsto a que jamais almejava e recebi constrangido e desageitado, como até hoje o ocupo. Mas Dom Leme, provavelmente, já pensava nisso, pois sem ele o Centro não teria permanecido senão como uma efêmera tentativa em plena infância, pois nascera em 1922 e vivera até então a mais precária das existências, mas aquela que até hoje o mantém: a das obras nascidas de uma Fé profunda e de uma convicção inabalável, na hora em que Deus quer; na pobreza e no desamparo em que as sementes encontram a melhor das terras para germinarem e com a mais pura a mais desinteressada, a mais heróica das intenções espirituais.

A outra personalidade que nessa mesma segunda-feira conheci foi a de Pedro de Oliveira Ribeiro, que era nem mais nem menos do que o 1.º Delegado Auxiliar, personalidade nesse tempo mais poderosa do que o próprio Chefe de Polícia. Nem antes, nem depois, me aproximei de nenhum Chefe de Polícia. Minha formação liberal e de influência predominantemente francesa, sempre, desde menino, me tinha comunicado uma instintiva repulsa pela polícia. No "Guignol" dos Champs Elisées de Paris, que freqüentei em 1900 — mais tarde tão fortemente evocado por Marcel Proust, do fundo de suas próprias reminiscências infantis e de seu encontro com Gilberte Swann, a menina de origem grega com que eu, quem sabe, também brinquei — o que a minha infância aprendeu era a ridicularizar o "gendarme", como até hoje o fazem todas as fitas francesas. Ao contrário dos norte-americanos, onde o "cop" é sempre uma espécie de "mocinho". Um dos pontos de desencontro, entre o meu liberalismo e o autoritarismo de Jackson, fôra precisamente o conceito novo que Jackson já formava a respeito do papel da Polícia no mundo moderno. Os Estados totalitários, fascistas, ou comunistas, iam colocar a Polícia, como elemento capital na concepção moderna do Estado todo poderoso. Jackson, que a êsse tempo

já vivia intoxicado de Joseph de Maistre, para quem o "bourreau" era o símbolo da autoridade — já por várias vezes tinha procurado, em vão, convencer-me do meu "preconceito" contra o papel da força na organização do Estado. Fôra ele quem indicara ao presidente Washington Luís, como 4.º Delegado Auxiliar, êsse seu conterrâneo do Sergipe, de quem sempre me falava como uma criatura de qualidades morais de exceção, sobre quem repousava cada vez mais, nesses anos de agitação política crescente, a responsabilidade da manutenção da ordem. E Jackson vivia de tal modo preocupado com a disseminação do espírito de desordem, que dera à revista por ele fundada em 1921, um ano antes do Centro Dom Vital, o título significativo de "A Ordem". E como Veuillot fôsse outro dos seus autores de cabeceira, a ordem que ele então proclamava era a mesma que Veuillot julgava encontrar no golpe de Estado de 2 de dezembro de 1851 e na fundação do II Império, com Napoleão III. Era êsse um dos pontos de política em que não nos entendíamos, como se vê do início de nossa correspondência que nasceu da necessidade de esclarecermos melhor êsse ponto essencial de nossas discordâncias, e logo em seguida derivou para a discussão de problemas muito mais altos e universais.

Nunca me interessara, pois, por conhecer pessoalmente meu amigo Pedro de Oliveira Ribeiro, embora ao par de suas qualidades, de sua firmeza, de sua pobreza, de sua lealdade a toda prova. Ia conhecê-lo nas mesmas circunstâncias dolorosas, que me levaram à casa do Cardeal. Fui, nessa mesma segunda-feira, 5 de novembro de 1928, pela primeira vez à rua da Relação. Pedro de Oliveira Ribeiro mandou-me logo entrar e recebeu-me... em pranto! Êsse homem duro, êsse esteio da legalidade, êsse Scarpia que prendia Juarez Távora e perseguia os tenentes revolucionários, pois "davanti a lui tremava tutta Roma", êsse homem odiado e ameaçado de morte, êsse homem que os adversários apresentavam como um novo Fouché ou um Fouquier Tinville, êsse homem impassível e implacável, abraçava-se a um desconhecido da véspera,

chorando como uma criança! A morte do Jackson fôra, para êle, o desmoronamento de um mundo. De tal modo o mutilou que nunca ousou dizer uma palavra em público sobre o amigo morto. Nas comemorações anuais do 4 de novembro, por varias vezes o convidei a falar sobre o Jackson, pois fôra nesses últimos anos de sua vida, o seu companheiro mais inseparável. Tôdas as noites Jackson ia para a chefatura de polícia e ali ficava até alta madrugada freqüentemente, como outrora nos cafés e, sempre, nas suas perambulações de boêmio inveterado e de notívago. Pedro nunca se consolou da morte de Jackson. Na manhã de 24 de novembro, dois anos mais tarde, embora afastado como sempre dos acontecimentos políticos, quando eu soube que a Revolução estava na rua, fui pela segunda vez à rua da Relação. Encontrei-a deserta, como acontece com as casas cujos hóspedes vão partir. Ninguém pelas salas. Raros soldados ou civis pelos corredores. Fui encontrar o Chefe de Polícia, — o mesmo Pedro de Oliveira Ribeiro, com quem dois anos antes, na manhã de 5 de novembro de 1928 fôra visitar, no Joá, as pedras hostis onde se perdera, para o mundo, o nosso comum amigo, — fui encontrá-lo sozinho no seu gabinete. Raros companheiros entravam e saíam. Um grupo de negro, alto personagem da República velha, apareceu para pedir um salvo-conduto para São Paulo. Pedro o deu, com um ricto de desprezo no canto da boca. Os ratos abandonam o navio. A certa altura um grupo de aviões passou por cima do Palácio quase abandonado. Não eram certamente legalistas. Alguém distribuiu revólveres. Recusei. Nunca usei uma arma. Sempre tive por norma preferir morrer a matar. Quanto senti a solidão mais cheia de prenúncios, pedi a Pedro para se recolher, que pensasse em Jackson, mas sobretudo, que pensasse em Deus. Vi-o afundar na cadeira, por trás da secretária alta. O silêncio era impressionante. Aquele homem visado se preparava para morrer no seu posto. Eu perguntava a mim mesmo o que estava eu fazendo ali. Talvez fôsse o nosso amigo morto que ali me trazia para que o Chefe de Polícia de um regime deposto não se sentisse inte-

ramente só. Nisso, vejo que tenta uma ligação com o Palácio Guanabara, com o Chefe da Nação, com o Presidente Washington Luís, que jurara servir até o fim e cumpria o que prometera. Em vão. As ligações telefônicas já tinham sido cortadas. Foi então que entrou no gabinete um grupo de investigadores e delegados, já industriados por amigos do Chefe que conheciam a trama vitoriosa da Revolução, para raptá-lo (sic). Procuram convencê-lo a partir. Está tudo perdido. Todos partem. Não há nada mais a fazer. A Revolução está vitoriosa. Seria uma chacina inglória e até desastrosa resistir. Pedro hesita. Alguém grita um viva ao Presidente. Há um pequeno tumulto. Pedro vem a mim, como teria ido a Jackson, outrora, seu conselheiro, seu amigo mais fiel. "Alceu, que devo fazer?" pergunta angustiado. "Parta, Pedro", disse-lhe eu, sem hesitar. Só então, tomou do chapéu e saiu porta afora, como um sonâmbulo, acompanhado pelo tumulto contraditório dos remanescentes de uma era que ali terminava inglòriamente!

Em 1928 o Chefe de Polícia de 1930 era apenas 4.º Delegado Auxiliar, mas o Centro Dom Vital, na mente de Jackson, desde a sua fundação em 1922, estava implicitamente ligado a uma intenção política: a de defender o princípio de autoridade.

Dois pontos em que o sucessor de Jackson se colocaria em completa oposição a ele, a despeito de lhe suceder na presidência do Centro e de lhe dever, abaixo de Deus, a indicação do caminho da verdade.

Minha preocupação, desde que colocaram nestas mãos, contra a minha vontade, a obra fundada por Jackson em 1922, foi precisamente a de afastar o Centro Dom Vital de toda atividade política partidária e o de defender o princípio da liberdade, que me parecia, como até hoje me parece, a maior vítima do espírito do novo século, todo ele inspirado na hipertrofia do autoritarismo.

Desejo, desde logo, acentuar essa radical divergência com o meu malogrado amigo, sem a qual seria impossível compre-

ender o papel do Centro Dom Vital nos acontecimentos que se iriam desenrolar, no Brasil, a partir da morte de Jackson e que este previra, com o seu espírito profético e o novo espírito que imprimira à sua geração ou pelo menos a todos aqueles, de sua geração, que ele despertou para os novos rumos que tomavam os acontecimentos, especialmente depois da Guerra de 14 e da revolução de 17.

Não foi à toa que o Centro Dom Vital foi fundado no mesmo ano em que se fundava, no Brasil, o Partido Comunista.